opusdei.org

A caridade cristã no modo de falar

Murmurar, criticar ou espalhar boatos pode ser ocasião para faltar gravemente à caridade. Este editorial faz eco do convite do Papa Francisco para não falar a "linguagem da hipocrisia".

06/06/2020

Se permanecerdes na Minha palavra, sereis Meus verdadeiros discípulos; conhecereis a verdade e a verdade vos fará livres (*Jo* 8, 31-32). Num amplo diálogo com os judeus surge esta

promessa do Senhor que, na sua simplicidade e solenidade, atravessa os séculos: a verdade torna-nos livres. Mas também atravessam os séculos as falsas promessas de quem era *homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade, porque a verdade não está nele. Quando diz a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira* (*Jo* 8, 44).

«A razão mais sublime da dignidade do homem – ensina o Concílio Vaticano II – consiste na sua vocação à união com Deus. É desde o começo da sua existência que o homem é convidado a dialogar com Deus» (*Gaudium et Spes*, 19). Assim, pode dizer-se que a palavra – a *necessidade* de viver em diálogo, em comunhão – é o mais próprio da pessoa. Na palavra comunica-se a própria pessoa: quando falamos, não emitimos apenas uma mensagem, mas em certo sentido damo-nos a nós

mesmos. E não só chegamos aos ouvidos dos demais, mas ao seu coração, ao centro do seu ser. Por isso, a palavra tem uma dimensão, de certo modo, *sagrada*. O seu uso reto beneficia e edifica as pessoas, enquanto as palavras descuidadas maltratam os outros. Aleksandr Soljenítsin bem o captou: as mentiras, dizia, não são palavras que dizemos e ficam a pairar no ar, longe de nós, mas cada mentira corrompe-nos por dentro, até nos consumir as entranhas.

O exemplo dos primeiros cristãos

Na sua pregação, o Senhor convida a todos à transparência; a ser simples, a evitar casuísticas que com frequência encobrem, ou pelo menos dão início à mentira: *dizei somente, sim, se é sim; não, se é não. Tudo o que passa além disto vem do Maligno* (*Mt* 5, 37). Duríssimo contra a hipocrisia, o Senhor elogia

calorosamente aqueles em quem não há duplicidade nem engano (cf. *Jo* 1, 47). É próprio d´Ele um estilo, um modo de fazer, que penetrou profundamente entre os primeiros cristãos: a epístola de Tiago expressa-se com acentos semelhantes: *Que o vosso sim seja sim; que o vosso não seja não. Assim não caireis ao golpe do julgamento* (*Tg* 5, 12). S. Pedro fala-lhes de *rejeitar toda a malícia, toda a astúcia, fingimentos, invejas e toda a espécie de maledicência* para poder aproximar-se de Deus, e como *crianças recém-nascidas desejar com ardor o leite espiritual* (1 *Pe* 2, 1-2).

Essa inocência cristã na palavra, no entanto, não se consegue com uma simples intenção genérica, boazinha: a tensão entre a verdade e a mentira está presente em toda duração da nossa vida. A Escritura não se limita a enunciar os princípios, mas assinala com detalhe os abusos da palavra, a incoerência entre o que é,

e o que se diz que é. Neste sentido é exemplar, e de perene atualidade, a admoestação de S. Tiago sobre a língua:

Se alguém não cair por palavra, este é um homem perfeito, capaz de refrear todo o seu corpo. Quando pomos o freio na boca dos cavalos, para que nos obedeçam, dirigimos também todo o seu corpo. Vede também os navios: por grandes que sejam e embora agitados por ventos impetuosos, são governados com um pequeno leme à vontade do piloto. Assim também a língua é um pequeno membro, mas pode gloriar-se de grandes coisas (...) Todas as espécies de feras selvagens, de aves, de répteis e de peixes do mar se domam e têm sido domadas pela espécie humana. A língua, porém, nenhum homem a pode domar (*Tg* 3, 2-8).

Esta mesma preocupação em "domar" a língua está muito presente

nos ensinamentos do Papa Francisco. Com a mesma insistência do Apóstolo, nunca perde uma oportunidade de pedir aos cristãos que nos esforcemos em pôr freio à palavra que destrói. O Papa sabe que o seu chamamento à renovação da vida dos cristãos e da Igreja ficaria desvirtuada se não chegássemos a esse pequeno leme que decide o itinerário da nave.

Todos agradecemos a franqueza com que fala o Sucessor de Pedro, embora haja o risco de que pensemos apressadamente que fala para outros, e viremos a página sem nos perguntarmos em que medida os nossos hábitos atuais, ou as formas socialmente aceites de se comportar nesta área, estão de acordo com o Evangelho. O *Catecismo da Igreja Católica* (cf. n. 2464 e ss.) e o Magistério do Papa Francisco proporcionam muitas pistas de reflexão.

A mentira, linguagem da hipocrisia

Com que delicadeza nos esforçamos por amar e dizer sempre a verdade, por evitar completamente a mentira? Porque não podemos esquecer a gravidade da mentira que «é uma autêntica violência feita a outrem. Este é atingido na sua capacidade de conhecer, a qual é condição de todo o juízo e de toda a decisão. A mentira contém em gérmen a divisão dos espíritos e todos os males que a mesma suscita. É funesta para toda a sociedade: destrói pela base a confiança entre os homens e retalha o tecido das relações sociais» (*Catecismo*, n. 2486).

O Papa falou com energia da **linguagem da hipocrisia**, própria de quem **não ama a verdade. Eles amam-se apenas a si mesmos, e, deste modo, procuram enganar, envolver o outro no seu engano, na sua mentira. Têm um coração**

mentiroso; não podem dizer a verdade (*Meditação matutina*, 4-VI-2013). Como S. Pedro, apela à inocência das crianças, ao *leite espiritual* (1 *Pe* 2, 2) não adulterado: **uma criança não é hipócrita, porque não está corrompida.**

Quando Jesus nos diz que o vosso modo de falar seja: "sim, sim", "não, não", com alma de criança, diz-nos o contrário daquilo que dizem os corruptos (...). Peçamos hoje ao Senhor que o nosso modo de falar seja o dos simples, o das crianças; falar como filhos de Deus: portanto falar na verdade do amor (*Meditação matutina*, 4-VI-2013).

A murmuração: aprender a morder a própria língua

No sermão da montanha, Jesus leva até à radicalidade o quinto mandamento do Decálogo: *Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não matarás,*

mas quem matar será castigado pelo juízo do tribunal. Mas eu vos digo: todo aquele que se irar contra seu irmão será castigado pelos juízes (...) Aquele que lhe disser: Louco, será condenado ao fogo da geena (*Mt* 5, 21-22). As palavras do Senhor são duras, **«quem entra na vida cristã, quem aceita seguir este caminho, tem exigências superiores às de todos os outros. Não tem vantagens superiores, não! Tem exigências superiores»** (*Meditação matutina*, 13-VI-2013).

A murmuração e o insulto não se reduzem a uma brincadeira inocente: matam o irmão. Escreve S. Josemaria: «Sabes o mal que podes ocasionar atirando para longe uma pedra com os olhos vendados? Também não sabes o prejuízo que podes causar, às vezes grave, quando lanças frases de murmuração, que te parecem levíssimas por teres os olhos vendados pela falta de

escrúpulo ou pela exaltação» (*Caminho*, 455). Então, continua o Papa, quando já se começa a sentir algo de negativo no coração contra alguém, e se exprime **com um insulto, maldição ou cólera, há algo que não funciona. Deves converter-te, tens que mudar** (*Meditação matutina*, 13-VI-2013).

E se houvesse quem pensasse que tudo isto é justificável porque o "merece", o Papa faz esta recomendação: **Vai e reza por ele. Vai e faz penitência por ele. E depois, se for necessário, fala com a pessoa que pode resolver o problema. Mas não o digas a todos (...) Paulo foi um grande pecador. E diz de si mesmo: antes, fui um perseguidor, um blasfemo, um violento. Mas comigo usaram de misericórdia. Talvez nenhum de nós blasfeme. Mas se algum de nós murmura, é certamente um**

perseguidor e um violento (*Meditação matutina*, 13-IX-2013).

Hoje, cada um deve interrogar-se: faço crescer a unidade na família, na paróquia, na comunidade, ou sou um tagarela, uma tagarela? Sou motivo de divisão, de dificuldade? Mas vós não sabeis o mal que os mexericos fazem à Igreja, às paróquias, às comunidades! Fazem mal! As bisbilhotices ferem! Antes de coscuvilhar, o cristão deve morder a sua língua! (*Audiência*, 25-IX-2013)

A difamação e a necessidade de reparar

É bom ter presente que não basta que algo seja ou pareça verdadeiro para que se possa divulgar sem mais considerações. «O direito à comunicação da verdade não é absoluto. Cada um deve conformar a sua vida com o preceito evangélico do amor fraterno, mas este requer,

em situações concretas, que avaliemos se convém ou não revelar a verdade a quem a pede» (*Catecismo*, n. 2488).

Muitas vezes, o suposto *interesse informativo* (tanto do emissor como do recetor) é na realidade o disfarce de uma curiosidade desrespeitosa, que deriva com frequência em bisbilhotices ou boatos, em insinuações e afirmações caluniosas sobre pessoas e instituições, que se propagam depois sem que haja muitas possibilidades de as retificar.

Por esse motivo, em tais casos, a reparação é um dever de consciência. Assim o recorda o *Catecismo*: «Qualquer falta cometida contra a justiça e contra a verdade implica o dever da reparação, mesmo que o seu autor tenha sido perdoado. Quando for impossível reparar publicamente um mal, deve-se fazê-lo em segredo; se aquele que foi

lesado não pode ser indemnizado diretamente, deve dar-se-lhe uma satisfação moral, em nome da caridade. Este dever de reparação diz respeito também às faltas cometidas contra a reputação alheia. A reparação moral e às vezes material, deve ser avaliada segundo a medida do prejuízo causado e obriga em consciência» (*Catecismo*, n. 2487).

Vale a pena rever, portanto, a nossa atitude ante a ligeireza com que se costuma tratar em conversas e comentários – também entre os cristãos – a intimidade e a fama dos outros, talvez alegando como justificação que estamos a limitar-nos a repetir o que dizem as notícias ou os boatos! **Os mexericos** – disse o Papa – **ferem, são bofetadas na fama de uma pessoa, são bofetadas no coração de uma pessoa** (*Homilia*, 12-IX-2014). Também podemos pensar no nosso modo de reagir perante a facilidade com que se

aceita como coisa normal criticar as pessoas (desde a vizinha de cima, até ao político ou ao futebolista que vai à televisão), por palavra ou por escrito, de forma amarga ou malévola, sem compreensão, chegando com grande naturalidade até à calúnia e ao insulto, sem a menor possibilidade de que a crítica seja construtiva para ninguém.

Que procuramos? Que ganham os outros, quando difundimos essas notícias ou rumores, sem saber exatamente o que há neles de verdade? Porque, de facto, até mesmo a informação verdadeira que sabemos sobre os outros deve ser analisada com prudência e ponderação, para não difamar nem escandalizar ou provocar outros danos (cf. *Catecismo*, n. 2477 e 2479). Facilmente deixamos adormecer a nossa sensibilidade para rejeitar tal comportamento, ou para advertir que talvez estejamos caindo também

neles. *E se o sal perde o sabor, com que lhe será restituído o sabor*? (*Mt* 5, 13). Nós, cristãos, temos a missão e a graça para a levar a cabo, para manter no mundo o ar livre e limpo da verdade. «Hoje, quando o ambiente está cheio de desobediência, de murmuração, de engano, de enredo, temos de amar mais do que nunca a obediência, a sinceridade, a lealdade, a simplicidade: e tudo isto, com sentido sobrenatural, far-nos-á mais humanos» (S. Josemaria, *Forja*, n. 530).

Para conseguir a paz

No encontro com os presidentes de Israel e da Palestina para pedir a paz, o Papa pronunciou uma oração que, na parte final, rezava assim: **Senhor, desarmai a língua e as mãos, renovai os corações e as mentes, para que a palavra que nos leva ao**

encontro seja sempre «irmão» (*Discurso*, 8-VI-2014).

A verdade que nos torna livres (cf. *Jo* 8, 31-32) não consiste simplesmente na posse ou na transmissão de manifestos e informações que correspondem à realidade das coisas. É algo de mais profundo: a verdade que fundamenta a sinceridade e a lealdade para com os outros, em todas as suas formas, é que todos os homens somos irmãos, filhos do mesmo Pai.

Jesus Cristo mostrou-nos com a sua vida, *veritatem faciens in caritate* (cf. *Ef* 4, 15), esta harmonia fundamental entre a verdade e o amor. Por isso, a verdade que liberta e traz paz, está nessa manifestação eminente do amor de Deus para com os homens, que é a Cruz redentora: **Como eu queria que, por um momento, todos os homens e mulheres de boa vontade olhassem para a Cruz! Na**

cruz podemos ver a resposta de Deus: ali à violência não se respondeu com violência, à morte não se respondeu com a linguagem da morte. No silêncio da Cruz, cala-se o fragor das armas e fala a linguagem da reconciliação, do perdão, do diálogo, da paz. (*Homilia na Vigília de oração pela paz*, 7-XI-2013)

R. Valdés e C. Ayxelà

---

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de https://opusdei.org/pt-pt/article/a-caridade-crista-no-modo-de-falar/ (13/12/2025)